RESUMO
Este artigo, fruto de nossa trajetória no Instituto de Teologia e Qualidade (ITEQ), analisa o construtivismo como uma abordagem político-pedagógica central no processo de ensinoaprendizagem. Fundamentado na ideia de que o conhecimento é construído ativamente pelo aluno em interação com o ambiente, o construtivismo valoriza o protagonismo estudantil e a mediação docente, destacando a importância de práticas pedagógicas que promovam a reflexão, a autonomia e o desenvolvimento cognitivo. Ao abordar suas implicações para o planejamento e a prática educativa, especialmente na Educação Física escolar, o texto propõe uma reflexão sobre os desafios e potencialidades dessa perspectiva para uma formação integral e transformadora.

PALAVRAS-CHAVE: Construtivismo; Educação; Corpo; Mente

ABSTRACT
This article, the result of our academic and professional journey at the Institute of Theology and Quality (ITEQ), analyzes constructivism as a key political-pedagogical approach in the teaching-learning process. Based on the idea that knowledge is actively constructed by the student through interaction with the environment, constructivism values student agency and teacher mediation, emphasizing the importance of pedagogical practices that foster reflection, autonomy, and cognitive development. By addressing its implications for educational planning and practice, particularly in Physical Education, the text offers a reflection on the challenges and potential of this perspective for a transformative and holistic education.

KEYWORDS: Constructivism; Education; Body; Mind

INTRODUÇÃO

Por termos por importante a contribuição de João Batista Freire no desenvolvimento da Educação Física escolar, queremos neste estudo refletir de forma mais aprofundada a atualidade de sua influência no dia-a-dia da pratica de ensino de uma Educação Física que possibilite maior participação dos alunos, como construtores de uma cultura do corpo e da mente como partes indissociáveis, avançando em busca de autonomia e emancipação.

Já atuando um longo tempo na Educação escolar com a disciplina de Educação Física, percebo que o Construtivismo sofre críticas contínuas, no entanto continua a marcar espaço entre um grande número de profissionais. Acreditamos ser necessário compreender, o como, do ponto- de-vista da Educação Física Escolar, o construtivismo, pode favorecer o crescimento e o desenvolvimento sensorial, motor, cognitivo e afetivo do seu público-alvo através de motivações que transcendem a própria razão do fazer pelo fazer.

No artigo abordamos panoramicamente o percurso desenvolvido pela Educação Física no cenário das mudanças políticas do Brasil, desde a abertura política e ressaltamos o surgimento de algumas abordagens em educação física: desenvolvimentista, crítico-superadora e a sistémica dentre outras.

Em linhas gerais as contribuições de Piaget e Vigotsky e a influência que seus estudos tiveram e continuam tendo nas práticas educativas, focando mais especificamente na Educação Física.

Também como centramos na contribuição propriamente dita de João Batista Freire para o exercício de uma educação Física do ponto de vista do desenvolvimento global do educando.

A título de conclusão, não obstante as críticas que envolvem a proposta de João Batista Freire, principalmente a de um certo alheamento político, aceitamos sua defesa de que é importante que os alunos tenham espaço para brincar e expressar-se de acordo com jogos e brincadeiras de seu universo cultural, e que o professor seja elemento integrante de tais jogos e brincadeiras, ora como observador e organizador, ora como aquele que explicita, questiona e enriquece

o conhecimento que o aluno constrói.

A EDUCAÇÃO DE CORPO INTEIRO DE JOÃO BATISTA FREIRE

João Batista Freire é mestre em Educação Física (1982) e doutor em Psicologia Educacional pela Universidade de São Paulo – USP (1991). Atualmente coordena o grupo de estudos Oficinas do Jogo em Florianópolis e é consultor do Instituto Esporte Educação, acompanhando, dentre outros trabalhos, a equipe que viaja o Brasil levando os preceitos do esporte educacional através da Caravana do Esporte. Tem experiência na área da Educação Física, atuando principalmente nos temas da educação física escolar, jogo e educação física e pedagogia lúdica. É autor dos livros "Educação como prática corporal", "Jogo: Entre o riso e o choro" e "Educação de corpo inteiro", um marco na forma de pensar e entender não só a E como Educação Física mas também o movimento corporal em todos os planos da relação entre ensino e aprendizagem.

Fundamentada na psicomotricidade de Le Bouch e nos estudos de Piaget, Vygotsky e Wallon, a proposição sócio construtivista1 em Educação física é elaborada por João Batista Freire, especialmente em seu livro Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da educação Física, originalmente lançado em 1989.

Fundamentada na psicomotricidade de Le Boulch e nos estudos de Piaget, Vygotsky e Wallon, a proposição sócio-construtivista em Educação Física, desenvolvida por João Batista Freire, destaca-se como uma abordagem crítica e reflexiva que valoriza a construção do conhecimento a partir da interação social e das experiências corporais significativas. Em sua obra Educação de Corpo Inteiro, Freire propõe uma educação física que vá além do desempenho motor, reconhecendo o corpo como sujeito da aprendizagem, mediador de significações e elemento central no desenvolvimento global do ser humano.

Para o autor, o movimento não deve ser compreendido apenas como ação mecânica, mas como expressão do pensamento, da linguagem e das emoções, aspectos estes intrinsecamente ligados à formação integral do sujeito. Seguindo a linha do desenvolvimento infantil proposta por Piaget, Freire entende que, inicialmente, a criança reage a estímulos externos com pequenos gestos, que aos poucos evoluem para movimentos intencionais moldados pelo desejo. Com o advento da linguagem, as estruturas motoras básicas já estão estabelecidas, mas é justamente nessa fase que o pensamento simbólico começa a se consolidar, ampliando o repertório de significados associados às ações corporais.

A partir dessa concepção, a Educação Física escolar assume papel fundamental na formação de sujeitos críticos, criativos e socialmente engajados, promovendo práticas pedagógicas que

respeitem o tempo de cada criança, incentivem a ludicidade e estimulem a construção coletiva do conhecimento. O corpo, nesse processo, é compreendido como linguagem, como lugar de expressão e também de escuta, onde se traduzem as experiências vividas e se constroem saberes que ultrapassam os limites da técnica e da performance.

Seguindo de perto as fases do desenvolvimento infantil de Piaget, para Freire, a criança, a princípio, é movida por estímulos que geram um pequeno gesto. Seguido deste, vem a intenção que é formada por um desejo.

Quando a criança desenvolve a linguagem, segundo Freire, os atos motores básicos já estão estruturados. Mas com a linguagem, surge um mundo vasto ligado ao ato de pensar, que é uma atividade corporal.

A partir do aparecimento da linguagem, então, podemos chamar esse período de primeira infância, onde a compreensão passa a ser exercitada. Essa fase costuma se estender até os seis anos aproximadamente, a partir daí, ela passa a se sociabilizar, a pensar e discutir, deixando de ser um ser centrado e aprendendo a cooperar e a ter um raciocínio lógico.

É aqui que entra a escola, para que possa auxiliar a criança a executar o movimento e fazê-la entender o que se passa.

O autor acredita que corpo e mente devem ser tratados como parte de um único organismo, para não ocorrerem equívocos na formação deles e destaca que se deve matricular na escola não só a mente, mas também o corpo.

A proposta de João Batista Freire apresenta-

-se como uma alternativa potente frente à lógica fragmentada e reducionista que ainda persiste em muitas práticas escolares. Sua concepção de corpo e movimento rompe com a visão tradicional que separa corpo e mente, valorizando a dimensão simbólica e expressiva das ações corporais. Para ele, o corpo fala, sente, pensa e comunica — sendo, portanto, instrumento e linguagem na construção do conhecimento. Essa compreensão exige que o professor de Educação Física reconheça as práticas corporais como experiências educativas que se inscrevem no tempo e no espaço social dos sujeitos, carregadas de significados culturais, históricos e afetivos.

Dessa forma, a prática pedagógica do educador deve buscar sentidos no cotidiano do aluno, resgatar saberes populares, jogos tradicionais, brincadeiras de rua e danças regionais, reconhecendo essas manifestações como patrimônio cultural e ponto de partida para a aprendizagem. A criança, enquanto especialista em brincar, carrega consigo uma bagagem de experiências corporais que a escola precisa acolher e valorizar. Assim, o ensino da Educação Física deixa de estar centrado apenas na técnica e passa a focar no processo, no percurso vivido por cada educando, promovendo uma aprendizagem que respeita os ritmos e as singularidades de cada um.

João Batista Freire compreende que a escola não pode ignorar o corpo nem reduzir o movimento à reprodução de padrões motores. Para ele, o corpo não é um apêndice do sujeito, mas a própria forma de ser e estar no mundo. Essa perspectiva propõe uma educação que integre razão, emoção e sensibilidade, acolhendo o ser humano em sua totalidade. A partir disso, a Educação Física adquire uma função ética e política, pois se torna espaço de valorização da diversidade, de questionamento das normas sociais que disciplinam os corpos e de combate a preconceitos relacionados ao gênero, à deficiência, à origem social e à aparência física.

Com esse enfoque, a Educação Física escolar ganha uma dimensão transformadora. Em vez de buscar a padronização dos corpos e o alto rendimento atlético, ela passa a construir ambientes educativos inclusivos, participativos e democráticos. O professor, nesse contexto, é chamado a criar situações de aprendizagem que provoquem o aluno a pensar, refletir e transformar suas relações com o corpo e com o outro. As atividades deixam de ser meros exercícios físicos e passam a ser experiências significativas, nas quais o educando participa ativamente da construção do saber, compreendendo o porquê de cada ação e ressignificando sua própria trajetória corporal.

Freire aponta que o desenvolvimento do pensamento está intimamente ligado ao desenvolvimento do corpo. Quando a criança começa a falar, ela já consolidou um repertório motor que, agora, poderá ser representado simbolicamente por meio da linguagem. Isso amplia seu potencial de interação com o mundo e com os outros, abrindo espaço para a construção de significados mais complexos. É nesse momento que a escola precisa assumir um papel decisivo, criando condições para que o aluno compreenda e elabore suas experiências corporais de forma crítica e criativa.

Nesse sentido, a Educação Física não pode mais ser vista como um tempo de recreação ou alívio na rotina escolar. Ela deve ser reconhecida como um componente curricular fundamental, responsável por contribuir para a formação integral do aluno. A prática pedagógica deve ser planejada com intencionalidade educativa, voltada para o desenvolvimento das competências cognitivas, afetivas, sociais e motoras. O professor precisa atuar como mediador desse processo, estimulando a autonomia, o protagonismo e a responsabilidade dos estudantes sobre seus próprios corpos e ações.

Outro ponto fundamental da proposta freiriana está na valorização do diálogo e da escuta como princípios metodológicos. O professor não é o detentor do saber, mas sim um parceiro do aluno na construção do conhecimento. A aula torna-se um espaço de troca, de partilha de experiências e de construção coletiva do saber. Isso implica uma prática pedagógica que esteja aberta ao improviso, à criatividade e à sensibilidade, capaz de acolher as manifestações espontâneas dos alunos e transformá-las em oportunidades de aprendizagem.

Por fim, a contribuição de João Batista Freire ultrapassa os limites da Educação Física e se

estende para o campo mais amplo da pedagogia. Sua proposta de "educação de corpo inteiro" não é apenas um método de ensino, mas uma filosofia educacional que reconhece a centralidade do corpo no processo de formação humana. Trata-se de uma visão que convida a escola a repensar suas práticas, a romper com os modelos engessados de ensino e a construir um espaço de aprendizagem mais humano, sensível e conectado à realidade dos alunos.

Com essa abordagem, a Educação Física pode se consolidar como um potente instrumento de transformação social, contribuindo para a construção de sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com uma sociedade mais justa e inclusiva. O corpo, longe de ser apenas objeto de controle, torna-se o ponto de partida para o conhecimento, para a liberdade e para a cidadania.

Nesse sentido, a Educação Física deve funcionar como uma ponte de ligação entre as disciplinas escolares e as habilidades motoras. Brincadeiras como a amarelinhae as cantigas de roda, exercem uma boa influência no desenvolvimento motor infantil, uma vez que essas atividades estimulam a criança, facilitando a aprendizagem.

Os últimos suspiros de crescimento da inteligência, se dão no início da adolescência e muda a vida do indivíduo.

Para João Batista Freire, o brinquedo possibilita a criança inventar um mundo novo, onde ela consegue trabalhar noções de tempo, espaço e conhecer características de certos objetos, facilitando o trabalho da escola em desenvolver essas habilidades. Ele acredita que, por esse motivo, a escola deve incentivar a brincadeira, uma vez que tendo o processo pedagógico adequado, o mundo lúdico pode entrar nas atividades escolares, sem que ocorram problemas.

As crianças fazem brincando, são de grande utilidade para a modificação das estruturas mentais, até que esta, esteja concluída. Freire, a título de exemplo, cita alguns jogos, como o Jogo dos Opostos, a brincadeira de trânsito, a brincadeira de circo, o esconde-esconde entre outros.

Em defesa do uso de jogos e brincadeiras, Freire ressalta que quando a criança realiza um ato já conhecido por ela, ela o faz por prazer. O saber-fazer, impulsiona a criança a repetir o gesto diversas vezes; a isso se dá o nome de jogo do exercício, onde as representações são caracterizadas pelo pensamento. No entanto, a atividade deve ser escolhida, não somente pela diversão que ela é capaz de proporcionar, mas também pela possibilidade de desenvolvimento que ela apresenta. E devem ser educativas, fazendo com que as crianças se sintam motivadas a cumpri-las, mesmo encontrando dificuldades. É necessário incentivar obstáculos, para que a mente seja trabalhada. É importante que o material utilizado seja de forma, tamanho e cores diferentes, possibilitando se atingir o objetivo de estimular o desenvolvimento da capacidade de raciocínio da criança.

Por fim, para João Batista Freire, o professor tem um papel muito importante. Ele deve promover variações para que a criança comece a se perceber, e perceber também o ambiente que a cerca. A presença do material pedagógico, não deve ser descartada. Nosso autor diz que as variações deles são importantes para a percepção da criança. E em resumo, podemos dizer que para Freire:

> Onde os estudantes passam muito tempo tendo de ficar sentados, o que aprendem é exatamente a ficar sentados. Por outro lado, em movimento, eles estão em busca de cooperação, de convivência em grupo e do aprendizado de regras e limites (VICHESSI, 2009)

Para alguns autores, a teoria de João Batista Freire, respeita o movimento humano dentro das diversas fases do desenvolvimento motor, e aborda a cognição, a motricidade, a socialização e a afetividade dando ênfase a valorização da cultura popular, evidenciando a importância da experiência e da vivencia que a criança traz para escola.

Com relação ao ensino de Educação física a construção do conhecimento sistematizado e escolarizado, junto aos alunos, por meio das práticas corporais lúdicas. Para ele o conhecimento, seguindo a doutrina sócio-construtivista, deve se dar pela construção dos conceitos, e não apenas pela informação. É importante notar que a ação pedagógica do professor, segundo nosso autor, "não pode estar nem além nem aquém do nível de desenvolvimento da criança". (Frei-

re, 2006, p. 114)

Para a aprendizagem ocorrer, é necessário a interação do sujeito com o mundo pela assimilação e acomodação e, como resultado, a reorganização, ou seja, a aprendizagem" (MAUAD, 2003, p. 29).

Por utilizar como referencial pedagógico a linha humanista, o trabalho de Freire prioriza o ensino centrado no aluno e, por isso, as relações interpessoais são enfatizadas em sua obra. Trata-se de uma proposta metodológica para o ensino da educação física escolar, em oposição à tendência mecanicista até então utilizada por muitos professores. (Ibid)

Nomeando a proposição de Freire de abordagem construtivista-interacionista, e citando o CENP, Darido (2003, p. 9) sugere que:

[...] a intenção é a construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo, numa relação que extrapola o simples exercício de ensinar e aprender ... Conhecer é sempre uma ação que implica esquemas de assimilação e acomodação num processo de constante reorganização.

E segundo esse autor a abordagem freiriana, seguindo como princípio: "a criança é especialista em brincar", ao considerar o conhecimento que a criança já possui, foca as aulas de Educação Física, no resgate da cultura de jogos e brincadeiras dos alunos no processo ensino- aprendizagem.

Outro importante atributo da abordagem freiriana, de acordo com Darido (2003), diz respeito à possibilidade do aluno construir seu conhecimento a partir da interação com o meio, solucionando problemas, ao contrário dos métodos diretivos, tão presentes nas aulas de Educação Física e distantes do universo cultural da criança.

Já Daólio (2004) aponta que:

Para explicitar sua visão de educação física escolar, João Batista freire faz contundente crítica à forma como a escola trabalha com o corpo e o movimento das crianças. Segundo ele, a escola tradicionalmente tem desconsiderado a cultura infantil, rica em movimentos, jogos, brinquedos e fantasia e tem optado por deixar a criança imóvel, na expectativa de que ela aprenda conceitos teóricos de forma disciplinada, castrando sua liberdade e criatividade. Afirma Freire que a criança é especialista em brinquedo. Por isso, o autor propõe uma educação de corpo inteiro, título de seu livro, educação esta que pressupõe corpo e mente indissociados, valorizando sobre maneira a prática de educação física. (DAÓLIO, 2004, p. 22-23)

E mais adiante, Daólio, indica que João Batista freire insiste em que a Educação Física não deve ser um meio auxiliar de outras disciplinas, mas o de auxiliar desenvolvimento da criança tanto na escola, como, também, em toda sua vida após a escola, diferenciando, assim, sua proposta da abordagem desenvolvimentista. Segundo esse autor, em Freire, "a educação física teria por finalidade preservar a condição natural humana das crianças e liberando-a do julgo do contrato social representado pela escola tradicional" (DAÓLIO, 2004, p. 23).

Nessa perspectiva, o professor de educação física quando, respeitando a cultura de jogos e brincadeiras das crianças e a partir delas desenvolve atividades corporais lúdicas, recreacionistas e esportivas com vista a esclarecer o educando para o conhecimento mais reflexivo dos conteúdos trabalhados, leva o educando a perceber-se como um todo e possibilita que o educando se aproprie de uma cultura corporal e estabeleça relações deste saber, com outros saberes que fazem parte deste mesmo ser.

Entretanto, segundo Daólio, a exemplo da abordagem desenvolvimentista, percebe-se que a abordagem de Freire, ainda que defenda a educação para a democracia, constitui uma abordagem "de dentro para fora, partindo do indivíduo e não da cultura ou da sociedade" (DAÓLIO, 2004, p 25). E "essa visão perpassa todo o livro, alcançando a questão dos conteúdos a serem tratados nas aulas" (ibid).

Os jogos e brinquedos, tão lembrados como parte da cultura infantil, de onde o programa deve necessariamente partir, são tomados como facilitadores ou estimuladores do desenvolvimento e não como elementos do patrimônio cultural humano que deve ser garantido a todos os alunos. São meios e

não fins do processo educacional empreendido pela educação física. (Ibid)

Além deste limite apontado por Daólio, os críticos da teoria freiriana, apontam também certa ambiguidade em seu trabalho. Para esses, João Batista Freire apresenta o termo Educação Física, ora como uma pedagogia do movimento e ora como uma disciplina, decorrendo desta ambiguidade uma indefinição quanto á sua proposta. Não fica claro, indica os críticos, se o que Freire apresenta é uma pedagogia do movimento para a escola como um todo, ou se o que ele reivindica é um espaço pedagógico específico para a educação física.

Ao nosso ver, para Freire, o papel da Educação Física na educação escolar é ligar atividades simbólicas com o mundo real; para isto, seria necessário criar um mundo de coisas que são concretas para o meio infantil. Sua intenção é executar uma educação corporal que envolva o corpo inteiro em que se trabalha a fusão do imaginário com o real, para meios construtivos, sejam eles motores ou sociais.

A relevância que dá ao corpo como uma estrutura a ser desenvolvida todos os planos da relação entre ensino e aprendizagem rompe com a visão de que as crianças têm duas partes distintas - a física e a mental.

A sua proposta, a nosso ver, colabora com a compreensão que temos da validade e dos benefícios do brincar, a ser encarado como um instrumento pedagógico que estimula as capacidades relacionadas às dimensões motoras, afetivas, sociais e cognitivas

A proposta pedagógica de João Batista Freire, ao integrar o corpo e a mente no processo de aprendizagem, contribui para a ressignificação da prática da Educação Física no contexto escolar. Em vez de centrar-se apenas na repetição de movimentos ou na técnica esportiva, Freire propõe uma vivência corporal significativa, pautada na ludicidade, no afeto e na cultura da infância. Isso exige que o professor de Educação Física não apenas domine os conteúdos específicos da área, mas também compreenda os processos de desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões. Nesse sentido, a prática pedagógica se transforma em um campo de experiência, onde o educando é protagonista da sua aprendizagem e o educador, um mediador que organiza situações didáticas que estimulem a reflexão, a autonomia e a construção do conhecimento.

Ao considerar o corpo como linguagem e meio de expressão do sujeito, Freire rompe com o paradigma dualista corpo-mente e amplia o entendimento da Educação Física como uma disciplina essencial para a formação integral. O brincar, os jogos e as brincadeiras, nesse contexto, não são apenas ferramentas para desenvolver habilidades motoras, mas também instrumentos de construção da identidade, de socialização e de elaboração simbólica da realidade. As práticas corporais passam a ser compreendidas como manifestações culturais que articulam o conhecimento, os sentimentos e os valores vividos pelas crianças em seu cotidiano. Assim, o professor precisa criar estratégias que valorizem essas expressões e, a partir delas, promovam aprendizagens significativas que respeitem a diversidade e a singularidade dos alunos.

A atuação docente, conforme a perspectiva freiriana, exige ainda um posicionamento ético e político diante dos desafios sociais que atravessam o ambiente escolar. O professor de Educação Física deve estar atento às desigualdades, aos preconceitos e às práticas excludentes que muitas vezes se manifestam nas relações corporais e nos jogos competitivos. Mais do que ensinar regras ou técnicas, é papel do educador promover a cooperação, o respeito mútuo e o cuidado com o outro. Para isso, a aula de Educação Física deve ser concebida como espaço de diálogo e transformação, no qual os conflitos são tratados como oportunidades pedagógicas e o corpo é compreendido como território de direitos, de experiências e de saberes. Ao valorizar o corpo em sua plenitude, a proposta de Freire reafirma a potência da Educação Física escolar como ferramenta para a construção de uma escola mais justa, democrática e humanizadora.

A valorização do lúdico e da cultura corporal no ensino da Educação Física proposta por João Batista Freire exige uma profunda mudança na postura pedagógica do professor. Essa mudança não se limita a uma reorganização de conteúdos, mas envolve uma revisão das intencionalidades da prática docente. A aula passa a ser um espaço de vivência

e diálogo, no qual o conhecimento é gerado pela interação entre os sujeitos e suas experiências com o mundo.

Nesse cenário, o professor não entrega o conhecimento pronto, mas cria condições para que o aluno o construa a partir de suas ações, experimentações e reflexões. A Educação Física, portanto, não se resume ao corpo que se move, mas abrange o corpo que sente, pensa, interage e transforma.

Ao resgatar as brincadeiras e os jogos tradicionais das crianças, Freire propõe um currículo vivo, conectado com a realidade cultural dos alunos. Essa proposta se distancia da perspectiva tecnicista, que tende a uniformizar os corpos e suas manifestações, e aproxima-se de uma educação comprometida com a pluralidade e com o respeito à diversidade. A cultura corporal deixa de ser entendida apenas como esporte ou ginástica e passa a incluir danças, lutas, jogos populares, práticas recreativas e outras expressões corporais historicamente produzidas. Esse olhar ampliado enriquece a aula de Educação Física, permitindo que ela dialogue com diferentes contextos sociais e culturais e contribua para a formação de sujeitos críticos e sensíveis às múltiplas realidades.

Além disso, a prática pedagógica inspirada na abordagem de Freire implica uma reorganização da avaliação na Educação Física. Ao invés de mensurar apenas o desempenho técnico ou a aptidão física, o foco da avaliação se desloca para o processo de aprendizagem e para o envolvimento do aluno com os conteúdos. Avalia-se a capacidade de refletir sobre as práticas corporais, de cooperar com os colegas, de experimentar novas formas de movimento e de reconhecer a importância dessas práticas na construção da própria identidade. A avaliação passa, assim, a ser formativa, contínua e dialógica, voltada para o desenvolvimento integral e para a valorização da trajetória de cada educando, respeitando seus limites, avanços e singularidades.

A proposta freiriana, ao enfatizar o movimento como linguagem e o corpo como sujeito histórico, também desafia o modelo escolar tradicional, muitas vezes centrado na homogeneização, na disciplina rígida e na repressão das expressões corporais espontâneas. Ao invés de reprimir o gesto, a fala ou a agitação da criança, a pedagogia do corpo inteiro busca compreender o que esses comportamentos revelam sobre o sujeito, sobre seus desejos, suas dificuldades e suas potências. Trata-se de acolher o corpo em sua inteireza e permitir que ele se manifeste como parte essencial do processo educativo. Nesse sentido, o professor torna-se um observador sensível e um agente de escuta, capaz de interpretar os movimentos, gestos e silêncios como formas legítimas de comunicação e aprendizagem.

Finalmente, cabe destacar que a proposta de João Batista Freire é profundamente ética. Sua concepção de Educação Física está a serviço da emancipação humana, da formação crítica e da construção de uma sociedade mais justa e solidária. Ao valorizar o corpo, a ludicidade, a cultura e a subjetividade dos alunos, sua abordagem rompe com modelos autoritários e abre espaço para uma educação verdadeiramente democrática. O professor, ao assumir essa postura, contribui não apenas para o desenvolvimento motor dos estudantes, mas também para sua formação como cidadãos conscientes, protagonistas e respeitosos. Educar o corpo, nesse contexto, é também educar o olhar, o sentir e o agir — é promover o ser humano em sua totalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta educacional desenvolvida por João Batista Freire apresenta uma ruptura com a tradicional “educação do movimento”, propondo, em seu lugar, uma “educação pelo movimento”, na qual a criança aprende a partir das experiências corporais que vivencia. Para esse autor, o conhecimento que a criança possui sobre si e sobre o mundo é limitado, sendo necessário que ela vivencie situações de interação com o outro para desenvolver-se integralmente. O movimento torna-se, então, uma linguagem essencial para a aprendizagem e para a construção das relações sociais e cognitivas.

Essa abordagem crítica também se posiciona contra uma concepção de Educação Física rígida e excludente, marcada por práticas autoritárias. Em contrapartida, propõe uma Educação Física transformadora, comprometida com o desenvolvimento humano, que ainda precisa ser plenamente imple-

mentada nas práticas escolares. Nessa concepção, o foco deixa de ser o desempenho atlético ou a repetição de gestos técnicos, e passa a ser a experiência do aluno, sua capacidade de refletir, criar, interagir e construir sentido a partir do que vivencia corporalmente. A disciplina, portanto, assume uma dimensão ampla, que inclui inclusive o "não-movimento" como possibilidade educativa, valorizando o silêncio, a escuta e a pausa como momentos pedagógicos relevantes.

Essa perspectiva exige um novo olhar sobre o papel do professor. O educador deixa de ser apenas um transmissor de técnicas ou conhecimentos e passa a ser o elo entre a escola e a sociedade, alguém que influencia diretamente a formação ética, emocional e social dos estudantes. Cabe a ele promover experiências que ampliem as possibilidades de expressão dos alunos, que favoreçam o protagonismo e que respeitem os diferentes tempos e modos de aprender. Isso é especialmente relevante na Educação Infantil, momento em que os estudantes estão em processo intenso de formação de caráter e valores.

Assim, o professor deve atuar como mediador sensível e preparado, capaz de transitar por diferentes dimensões da experiência humana: o corpo, a cultura, a sociedade e a subjetividade. Deve conhecer as transformações sociais e tecnológicas, fazer uso crítico e consciente dos recursos digitais e estar em permanente processo de formação, revendo suas práticas e se atualizando constantemente. A docência não se limita a técnicas pedagógicas, mas envolve escolhas éticas e políticas que têm impacto direto sobre a formação dos estudantes. Por isso, é fundamental que o professor promova a justiça, a inclusão e a equidade, enfrentando as desigualdades e valorizando a diversidade presente nas escolas.

A partir desse entendimento, o professor se torna um agente de transformação social. Ao propor uma prática pedagógica dialógica, sensível à realidade dos alunos e comprometida com o desenvolvimento integral, contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes e atuantes.

A sala de aula deixa de ser um espaço de reprodução de conteúdos e se torna um ambiente de vivência coletiva, troca de saberes e construção de sentidos. É nesse espaço que o educador, por meio de sua escuta, sensibilidade e postura ética, ajuda os alunos a se descobrirem e a compreenderem seu papel no mundo.

A função docente, portanto, exige não apenas domínio técnico, mas sobretudo compromisso com o humano. O educador que assume essa perspectiva compreende que ensinar é também aprender, é criar relações, é mediar conflitos, é inspirar transformações. E é justamente por meio dessas ações cotidianas que a escola pode se tornar um espaço de construção de uma sociedade mais justa, democrática e acolhedora, onde o movimento e a reflexão caminham juntos no processo de formação dos sujeitos.

Essa compreensão do papel docente demanda também que o professor esteja atento às práticas avaliativas, compreendendo a avaliação não como instrumento de punição ou simples verificação de desempenho, mas como parte integrante do processo de aprendizagem. Avaliar é diagnosticar caminhos, reconhecer avanços e redirecionar estratégias, sempre com o objetivo de potencializar o desenvolvimento de cada aluno. Assim, a avaliação deve ser formativa, contínua e dialógica, respeitando a singularidade dos sujeitos e valorizando suas trajetórias de aprendizagem.

Outro aspecto essencial é o vínculo afetivo que o professor constrói com seus alunos. A afetividade, longe de ser um elemento acessório, é uma força estruturante do processo educativo. Quando os estudantes se sentem acolhidos, respeitados e ouvidos, tendem a se engajar mais no processo de aprendizagem. O ambiente escolar se transforma em um espaço seguro para a expressão, a criação e a experimentação. A escuta sensível do professor, sua empatia e abertura ao diálogo são, portanto, ferramentas poderosas na construção de relações pedagógicas significativas.

Por fim, é preciso reconhecer que o professor também enfrenta desafios institucionais, estruturais e emocionais em sua prática cotidiana. A valorização da profissão docente passa não apenas pela formação inicial e continuada, mas também por condições de trabalho dignas, reconhecimento social e apoio institucional. Investir no professor

é investir na qualidade da educação e, por consequência, no futuro da sociedade. O docente, quando reconhecido e valorizado, encontra mais forças para exercer seu papel com excelência, criatividade e compromisso ético.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil 1988. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em 15/10/2013.

Referencial Curricular Nacional de Educação Física. Vol. 1. 1998. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf> Acesso em 15/10/2013

CARVALHO, Sérgio Frank . A abordagem pedagógica sistêmica: um modelo sociológico para a Educação Física Brasileira. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 16, Nº 159, agosto de 2011. (http://www.efdeportes.com/efd159/a-abordagem-pedagogica-sistemica-a- educacao-fisica.htm, acesso 28/9/2013)

DAOLIO, J. Da Cultura do Corpo. 1a. ed. Papiirus: Campinas, 1995. v. 01. A cultura da/na educação física. Campinas. Tese de livre docência. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. 2002.

Educação física e o conceito de cultura. Campinas –SP: Autores Associados 2004.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. Perspectivas em Educação Física Escolar, Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), 2001.

. Educação Física na escola: questões e reflexões. 1. ed. Rio de
Janeiro: Guanabara - Koogan, 2003.
FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro-teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1997.

; SCAGLIA, Alcides José. Educação como prática corporal. São Paulo: Scipione, 2003

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Alfabetização: em defesa da sistematização do trabalho, in ARANTES, Valéria Amorim (org.). Alfabetização e letramento. São Paulo: Summus. 2010

MAUAD, Juçara Maciel. Avaliação em educação física escolar: relato de uma experiência. 2003. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponivel em http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=-vtls000294904&fd=y> Acesso em 20/11/2013

OLIVEIRA, Martha Kohl de, TAILLE, Yves de La, DANTAS, Heloysa. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus. 1992.

PAIVA, Fernanda Simone Lopes. Constituição do Campo da Educação Física no Brasil. In: BRACHT, Valter; CRISÓRIO, Ricardo (Coord.). A Educação Física no Brasil e na Argentina – Identidade, Desafios e Perspectivas. Campinas: Autores Associados, 2003.

PIAGET, Jean. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro. Forense Universidade, 1975.

SEARA, Eliton Clayton, Rufino e FIRMINO, Antonio Luis. Educação Física: um olhar sobre a concepção crítico-superadora. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, Nº 149, Octubre de 2010 Disponível <(http://www.efdeportes.com/efd149/educacao-fisicaconcepcao-critico- superadora.htm>, acesso 28/09/2011

TULESKI, Silvana Calvo. Vygotsky: a construção de uma psicologia marxista. Maringá: EDUEM, 2002.

VICHESSI, Beatriz. Educação física além do físico. Disponível <http://revistaescola.abril.com.br/avulsas/225-estante-classicodomes.shtml> Acesso em 11/11/2013.

VYGOTSKY, Lev Semonovich. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins 17 Fontes, 1988.

WALLON, Henri. A Evolução Psicológica da Criança. São Paulo: Martins Fontes, 2010.